

Acção C 313, Promover Oficinas de Leitura no EB – 2º e 3º Ciclos

Trabalho autónomo

Formanda: M^a Paula Farinha Ferreira

10ºAno

Objectivos:

- Treinar a coesão textual:
 - coesão na frase;
 - coesão interfrásica: coordenação e subordinação;
 - coesão temporal;
 - coesão referencial e lexical;
 - conectores do discurso;

- Coerência textual.

- Progressão temática.

- Desenvolver a competência da leitura expressiva.

SEQUÊNCIAS NARRATIVAS

A ordem sequencial deste texto está errada.
Ordena-o correctamente, reescrevendo-o de novo.

A

Porém a outra filha, chamada Elisena, era muito mais linda que a irmã, e tão virtuosa que parecia ser Deus o único senhor capaz de estimar tal criatura. Haviam já pedido a sua mão muitos príncipes dignos de a esposar, os quais demandavam a corte da Pequena Bretanha sabedores da formosura e virtudes que nela resplandeciam.

Mas todos se tinham ido sem ser aceites por noivos.

– Filha – dizia-lhe el-rei Garinter, a quem custava esta isenção da infanta – estou já de muitos dias; quisera eu, antes de dar contas a Deus, deixar-te segura nas voltas do mundo.

B

Ouvindo esta resposta, entregou o cavaleiro ao escudeiro o escudo e o elmo, e foi abraçar el-rei Garinter, dizendo-lhe que era el-rei Perion de Gaula e que muito quisera conhecê-lo. Ao som deste nome deveras folgou o senhor bretão. Conhecera ele Perion por sua fama alta e honrada, pela bravura e gentileza da sua cavalaria, as quais, sendo aquele rei moço como era, tão celebradas andavam por todos os reinos da Pequena e da Grã-Bretanha. E, de coração, deu-lhe as boas-vindas, convidando-o com honra para hóspede. Alegres se juntaram os dois senhores e dispuseram-se a procurar os monteiros para se recolherem à vila de Alima, onde el-rei Garinter partira para montar.

C

Não muitos anos depois da Paixão do Nosso Salvador e Redentor Jesus Cristo, houve na Pequena Bretanha um rei, por nome Garinter, piedoso cristão e senhor de lhanas maneiras.

Teve este rei duas filhas de sua mulher, boa dona. A mais velha casou com Languines, rei da Escócia: e a essa se chamou a Dona da Guirlanda, porque de uma grinalda mui rica quis seu marido que ela sempre toucasse os formosos cabelos, tanto gosto lhe dava olhá-los: e por filhos houveram Agrajes e Mabília, de quem adiante se fará menção.

D

El-rei Garinter, que se arredara, olhava o combate desigual, e achara que Deus fora justo quando caíram mortos por terra os maus vassalos.

Isto feito, veio o cavaleiro a el-rei e, vendo-o só, perguntou-lhe:

– Amigo, que terra é esta em que os cavaleiros são salteados?

– Não vos faça isso espanto – retrucou el-rei – que em todas as terras há bons e maus cavaleiros; e desses que dizeis muitos tinham agravos, e até seu mesmo rei.

E

Senhores, ouvide o Romance de Amadis, o Namorado. Escreve-o um velho trovador português, mas depois um castelhano, trocando-lhe a língua e jeito, da nossa terra o levou. Porém as mais nobres mentes de Espanha já por nosso o dão.

Em Portugal tem a segunda pátria o espírito heróico e amoroso da Távola Redonda.

Ao começar o romance, invoco a memória do cavaleiro-poeta que o compôs, para que me alumie. Invoco a alma do Portugal que aprendeu com Amadis a ser gentil e forte e a prezar a flor da Honra.

E vós que amais com amor heróico e fiel, que amais o amor, ouvide a história como eu a senti.

F

Mas como Elisena só aos gozos da religião se inclinava, sem mostrar outro fito que o do céu, tanta esquivança deu azo a que a apelidassem a Devota perdida.

Ora, este rei Garinter, quando o tempo ia brando, saía algumas vezes a montar, para espalhar cuidados. Uma vez que se apartar dos monteiros e pela espessura andava a rezar as suas Horas, viu um cavaleiro desconhecido que com dois outros pelejava, e neste reconheceu dois vassalos, de quem, por soberbos e descorteses, el-rei andava queixoso. Mui bravo o que acometia sozinho os dois juntos, pois com tão natural galhardia se guardava e investia com eles, que da sua parte mais parecia desenfado que pelejava, seguro como se achava de si o cavaleiro desconhecido.

G

– A esse rei quero falar – tornou o cavaleiro – e se sabeis onde pára, dizei-mo por favor.

Não quis el-rei Garinter alongar por mais tempo o engano, respondeu:

– Pois sabeis que o rei da Piquena Bretanha eu o sou.

H

Súbito, pelo caminho saltou-lhes um veado escapo da montaria e atrás do qual correram os reis, a fim de o lancear. Já quase o tinham debaixo dos ferros quando um leão, que rompera das brenhas, alcançou o veado, atassalhou-o, e pôs-se a olhar sanhudo os caçadores, como quem preara bocado que ninguém disputaria.

Vendo isto, desmontou el-rei Perion do cavalo, que a vista do leão espantara:

– Pois não há-de ser teul – bradou Perion.

I

Perto soaram as buzinas dos monteiros, que logo vieram e rodearam a seu senhor.

E do que viu se admirou el-rei Garinter, entre si dizendo que não sem causa el-rei Perion era tido pelo mais esforçado cavaleiro do mundo.

J

Sem que o estorvassem as vozes de el-rei Garinter, com as quais lhe pedia não desse batalha a tão bruto inimigo, Perion endireitou a fera, com o escudo embraçado e a espada na mão. Logo o leão deixou a presa e, furioso de ver que o contestavam, arremessou-se contra quem lhe negava os direitos de tomador. Juntando-se a ambos, o leão o teve debaixo, prestes a esquartejá-lo. Já el-rei Garinter lastimava que a mocidade do senhor de Gaula o fizesse por gosto ser pasto de feras. Mas pouco durou o temor que o esfriava, porque el-rei Perion, não perdendo o ânimo no apuro, ensopou a espada no ventre do leão e matou-o.

K

Prosseguiram os dois, discorrendo em cousas aprazíveis; e el-rei Garinter ouvia com gosto quanto lhe ia dizendo o senhor de Gaula, em cujas palavras a cortesia emparelhava com o nobre juízo.

– Tão moço é ainda – pensava o da Piquena Bretanha – e assim na bravura é ousado como na mente esclarecido. Ditoso o pai que a este houver de dar a filha!